

Guerra Junqueiro

na coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa

Marcha do odio

(DE GUERRA JUNQUEIRO E MIGUEL ANGELO)

A MARCHA DO ODIO, por Guerra Junqueiro, publicada em fasciculo de luxo pela casa Costa Santos, Diniz & C., do Porto, com desenhos de Raphael Bordallo, e musica de Miguel Angelo, é um hymno de guerra tragica e sem guarida, que o poeta arrancou do peito, n'uma hora de dôr escruciante. Um pequeno extracto :



Odio ao pirata. odio ao bandido,
Odio ao ladrão!
Odio de stoico, que é vencido :
Para morrer,— sem um gemido!
Para matar,— sem um perdão!



Odio de monstro ensanguentado
N'uma prisão,
Odio bradando,— inutil brado!
Como uma cruz n'um descampado,
Como um punhal n'um coração!

1

375

augmentar ainda a vossa felicidade, dedicovos o seguinte idyllio gracioso, escolhido agora, e ao acaso, de entre muitos outros que succedem no vosso paraizo terreal.

..

A praça está deserta. A noite é fria como gelo. E, enquanto as begoneas dormem no conforto das estufas, ha ali uma creatura humana que dorme na pedra das calçadas.

E' um mendigo e um ladrão. De dia pede esmola, e á noite exige-a. A' hora da missa encontra-se á porta das igrejas, e éo mendigo; á hora do crime encontra-se á esquina das viellas, e é o ladrão. De dia traz muletas, de noite traz navalha.

Vêde-o. E' uma ignominia embrulhada n'um farrapo. Cahiu ali como um fardo de miseria, estupidamente, brutalmente, mascarando pragas.

De onde veio esse homem? Da prostituição, do lodo anonymo. Entrou na vida pelo postigo de uma roda, e ha-de sahir da vida pelo alçapão de uma guilhotina. Rompeu de um ventre, como um sapo de um esgoto.

A mãe quando o deu á luz, não viu o fructo do seu amor; viu a prova do seu crime. Escondeu-o no mysterio como o assassino esconde a sua victima.

E o pae? Seria um principe, ou um condemnado das galés? E' indifferente. Em ambos os casos, um bandido.

E de resto que lhe importa a elle! E' um fructo do chão, um fructo podre. Vem do esturmo e vae para a fossa.

Aos dez annos conhecia todos os vícios, ignorava todas as virtudes. Na época em que as creanças roubam ninhos, elle roubava relogios. Precocidades.

Quando as outras são anjos, já elle era gatuno. Na idade em que se aprende a lêr, elle aprendia a assobiar.

Os preconceitos e os crimes buscam cerebros analfabetos, como os morcegos e os chacacas buscam os subterraneos ás escuras. Ha mais luz nas vinte e quatro letras do abcdario, do que em todas as constellações do firmamento.

Não teve mãe, não teve pae, não teve berço e não teve escola. Germina como um tortulho venenoso. A lama ensanguentada da miseria tem d'estas gerações espontaneas!

Aos quinze annos deixou de ser gatuno para começar a ser ladrão. Já não tirava lenços das algibeiras, tirava libras das gavetas. Ao principio entrava pelas portas, depois chegou a entrar pelos telhados.

Progrediu por tal modo, que na idade em que se recebe na egreja a primeira comunhão, elle recebia no tribunal a primeira sentença. Seis annos de cadeia : uma formatura em ladroagem. Quando entrou levava uma gazua, quando sahiu trouxe uma navalha. Foi rapazola e veiu tigre. A cadeia enguliu um malandro, e vomitou um assassino. Aperfeiçoou-o no roubo e leccionou-o na faca.

D'ahi em diante distribuiu o seu tempo d'este modo : Tres annos nas galés e tres mezes na taberna. Um assassino sac muitas vezes de uma garrafa. O vinho, propriedade tenebrosa!... combinado com o sangue.

A' bebedeira seguiu-se a indigencia, o delirio tremens. N'aquelle cerebro de preversidade passou um terramoto de loucura.

Por fim ali o tendes. E ámanhã a estas

378

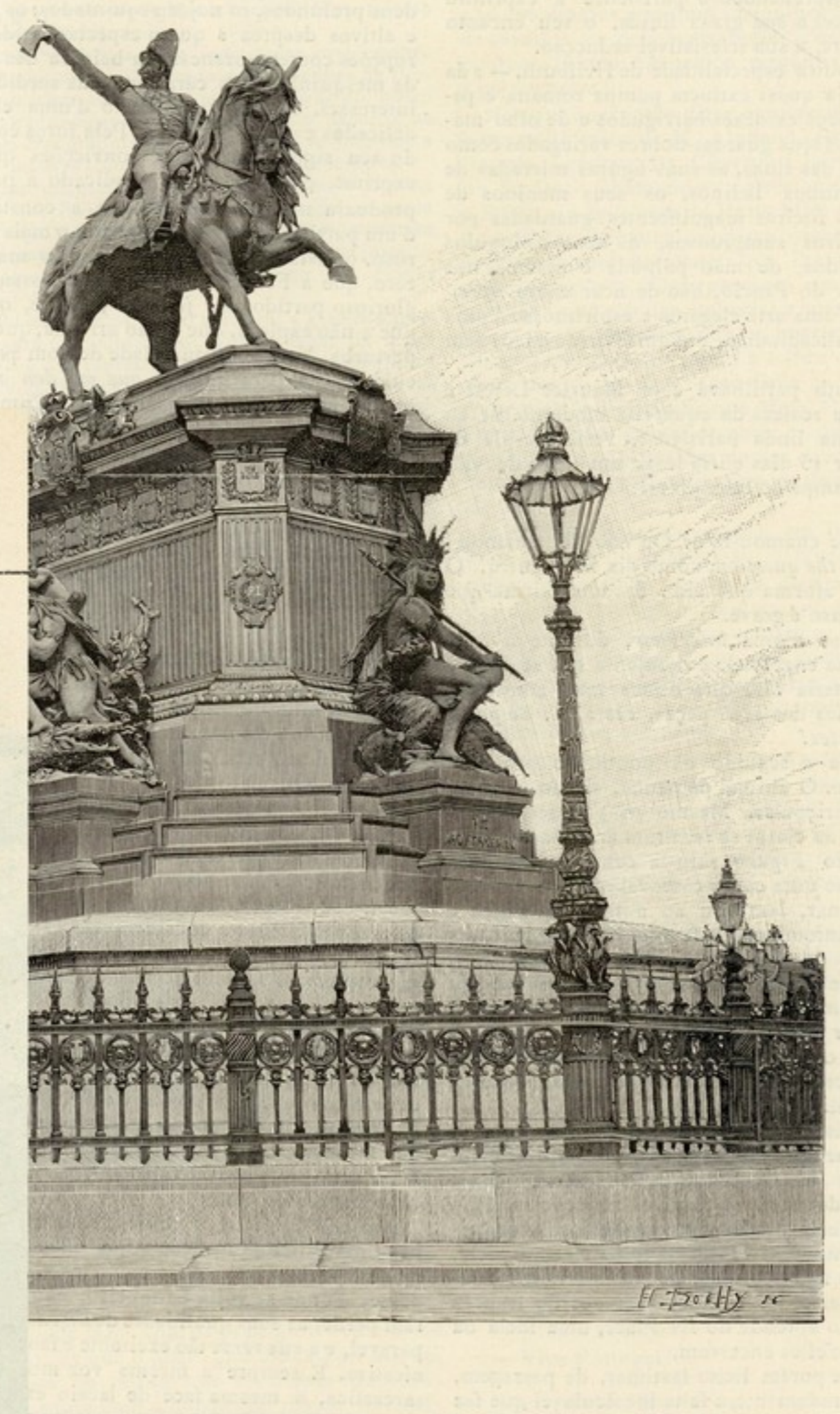
horas, quem sabe! estará talvez n'uma guilhotina, dentro de uma cova, ou no fundo de um rio. O cutelo, a miseria e o suicidio, disputam-no entre si. Tres abutres á espera de um cadaver.

A ILLUSTRACÃO

REVISTA DE PORTUGAL E DO BRAZIL

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS 20 DE DEZEMBRO DE 1889



A estatua de D. Pedro II, na praça da Constitucão.

2

Philantropos sociaes, respondi-me a isto : As vossas estatísticas dizem — a instrução diminue a perversão. — Quer dizer, o alfabeto diminue o crime. O crime é uma doença da alma, como uma pneumonia é uma doença dos pulmões.

Para a doença ha um remedio e para o envenenamento ha um antidoto. Como se deita abaixo uma cadeia? Acotovelando-a com uma escola. O professor ha-de eliminar o carcereiro.

A luz absorve os miasmas do espirito, como os arvoredos os miasmas dos pantanos. No homem ha duas coisas — o instincto, que é um cego, e a consciencia, que é um pharol. As consciencias são as sentinellas dos instinctos. A razão é o domador dos appetes.

Como se faz a separação? Illuminando as ruas? Não; illuminando os cerebros. A grilheta castiga os assassinos, mas não ressuscita os assassinados. Não indemnisa, vinga.

Ora muito bem, senhores economistas philantropos.

Se as vossas estatísticas, com a exactidão precisa de um thermometro, vos declaram que a instrução faz baixar a criminalidade de cincoenta, quarenta, vinte por cento que seja; se ellas vos affirmam, repito, essa verdade indiscutivel, respondi-me claramente á pergunta que vos faço.

Dentro de uma cadeia ha cem analfabetos. Se a sociedade os tivesse ensinado a soletrar, esses cem criminosos ficariam reduzidos a oitenta. Quem é, pois, responsavel pelos outros vinte? A sociedade.

Se não admittis a conclusão, rasgae as estatísticas; se a admittis, como creio, fareis o seguinte :

Ha um jury instituido para julgar um assassino analfabeto. A sentença deve ser esta :

Considerando que as feras não podem andar em liberdade pelas ruas;

Considerando que a miseria do criminoso foi um incentivo para o crime :

Condemnamos o monstro a ser mettido n'uma jaula;

Condemnamos o ignorante a ser mettido n'uma escola;

E condemnamos o vadio a ser mettido n'uma officina.

Dêem-lhe uma escola, um alfabeto e uma ferramenta.

Mas considerando que, se a sociedade tivesse fornecido um *a b c* ao ignorante, e um officio ao mendigo, a somma da ignorancia com a miseria não produziria este resultado — o crime;

Considerando que a sociedade foi a causa, e o bandido foi o effeito;

Condemnamos a Sociedade a que dê instrução a todas as creanças, e dê trabalho a todos os famintos, applicando-se mais a evitar os assassinatos, do que a regenerar os assassinos.

GUERRA JUNQUEIRO.

JUNQUEIRO PANFLETÁRIO (1)

O *Ultimatum inglês*, em 11 de janeiro de 1890, ofendeu a alma de Junqueiro, despertando nele o patriota revoltado e o poeta justiceiro.

Fez da sua poesia um tribunal, onde acusou e julgou os que considerava responsáveis pela corrupção e decadência da Pátria: o rei e o regime monárquico.

O *Caçador Simão* representava D. Carlos, que definia como um rei frio, caprichoso, cujo único interesse era a caça:

“Papagaio-real, diz-me quem passa? - É el-rei D. Simão que vae á caça.”

Urgia despertar todas as emoções viris e os poemas apareciam nos jornais para pouco depois serem cantados em público: Inglaterra (fevereiro), Caçador Simão (abril), Marcha do Ódio (abril), Finis Patriae (dezembro)...

1. “Marcha do Ódio”
Pontos nos ii
N.º 251, 17 Abr. 1890, p. 126

2. “Instrui!”
A Illustração
N.º 24, 20 Dez. 1889, p. 375-378



BLX

HEMEROTECA MUNICIPAL DE LISBOA